

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

20 Anos do Projeto Esporte Talento (PET)

Uma mãe guerreira

História de [Josineide Maria Gomes da Silva](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 18/09/2015

P1 – Então, Josi, eu queria te perguntar primeiro seu nome inteiro, local e data de nascimento. Você pode falar pra gente?

R – Meu nome é Josineide Maria Gomes da Silva, nasci em dois de maio de 66, sou de Catende, Pernambuco.

P1 – Tá. E o seu pai, você pode fazer o mesmo?

R – Meu pai é José Antônio Gomes da Silva, a data de nascimento dele? Ele nasceu em dois de abril de 42, ele é de Garanhuns, Pernambuco.

P1 – Entendi. E a sua mãe?

R – Minha mãe? Maria José da Silva, ela nasceu no dia primeiro de maio de 44, ela também é de Catende, Pernambuco, da mesma cidade que eu.

P1 – E qual a história da família da sua mãe, você sabe? Seus avós, de onde eles vieram? O que eles faziam?

R – Eles são de lá de Pernambuco, minha avó. Minha avó é descendente de índio, então a minha mãe também da mesma descendência, de índio. Ela era branca, não tinha cor escura do índio, mas tinha cabelo de índio, sabe, cabelão de índio. É isso.

P1 – E o que eles faziam, os seus avós, lá em Catende? Você sabe?

R – Eles trabalhavam na roça.

P1 – Entendi.

R – A família inteira trabalhava na roça, meus pais, eu também, aí depois que a gente veio pra São Paulo.

P1 – A família do seu pai?

R – Meu pai... a família do meu pai é negra, a minha avó é descendente de escravos, ela não falava muito, então a gente não sabe muito a procedência, mas tem esse histórico, né. O meu avô era português, então tem uma mistura ali do negro com branco, então meu pai é descendente de negro com português. Eles viviam em sítio também, em roça, na roça também, no sertão. Eles já eram do sertão nordestino.

P1 – Garanhuns e Catende, né?

R – É, Garanhuns e Catende, tem uma parte em Cupira também, que são cidades de Pernambuco, né. Minha mãe foi casada, teve um filho, aí não deu certo e ela conheceu meu pai logo em seguida. Nesse casamento eles tiveram cinco filhos.

P1 – Você sabe a história de como eles se conheceram?

R – O meu pai era administrador de engenho, ele ia pra vários engenhos e, numa dessas andanças dele, ele conheceu minha mãe e eles ficaram juntos. (risos) Ela tinha acabado de separar do marido naquela época, né, bem discriminada, né, na época dela, com filho. Aí não foi muito aceita pela família do meu pai, minha avó nunca aceitou, ela gostaria que ele casasse com uma negra, né, com a mesma descendência. E a minha mãe era branca, mas mesmo assim meu pai perpetuou, aí casou com a minha e ficou até o fim da vida com ela.

P1 – Entendi. E você, na linha dos seus irmãos, você é a mais nova? A mais velha?

R – Eu sou, do casal, eu sou a primeira filha. A minha mãe já tinha um filho, eu tenho um irmão mais velho, ele é de 62, eu sou de 66. Eu tenho um irmão de 69, uma irmã de 70, uma de 73 e as outras... as outras é de fora do casamento.

P1 – Entendi.

R – Ele teve gêmeas, duas meninas gêmeas. Aí a menina era nova, que ele era administrador de engenho, era nova, aí não podia cuidar das crianças, aí deixou lá em casa. A gente era tudo criança e adorava, parecia bonequinha pra gente brincar (risos). Era uma carequinha... uma branquinha e uma moreninha. Mas a minha mãe criou elas como filhas, com muito amor e hoje estão aí. São de 75, então tem o que? 40? Vão fazer 40 anos agora em setembro.

P1 – E você cresceu em Catende, é isso?

R – Cresci. A gente ficou em Catende até os meus treze anos, aí a gente veio pra São Paulo. Porque a vida foi ficando difícil lá, a roça e tudo, né, aí meu pai veio tentar a vida em São Paulo, em 82. 80, 80 ele veio pra São Paulo. Aí ele conseguiu um emprego aqui numa multinacional, aí na Rolamentos Schaeffler, aí depois trouxe o restante da família e a gente se estabilizou aqui, acabamos de crescer aqui, então passei a minha adolescência aqui em São Paulo. Nos meus treze anos eu já comecei a trabalhar também, então eu comecei cedo. Trabalhava em loja, trabalhava, fazia datilografia e estudava. Na época não tinha computador, né, era datilografia. E estudava. Aí depois eu comecei a estudar à noite e trabalhar durante o dia, arrumei um emprego.

P1 – Eu queria voltar só um pouquinho. Conta pra gente como era a sua casa em Catende.

R – Catende? Como meu pai era administrador de engenho a gente tinha uma casa grande, interligava uma casa no engenho pra família, né. Então, deixa eu ver, era uma casa com quatro quartos, três salas, uma cozinha e um quintal enorme que parecia um sítio, tinha todas as frutas. Tinha mexerica, tinha jaca, azeitona, caju, pinha, abacate, pitanga, goiaba (risos), manga. Nós tínhamos um cavalo, uma vaca pro leite, porco, cabra, galinha, pato, peru, tinha todos os bichos. E tinha horta também, que a gente cuidava, alface, cheiro verde, tomate, cebola. Então era uma casa considerável, tinha um quintal enorme.

P1 – E vocês brincavam? Do que vocês brincavam na época, você e seus irmãos?

R – A gente brincava na rua, pular corda, pega-pega, brincava de casinha, corrida de cavalo (risos), então foi isso nossa infância. Corria, quebrava braço, perna (risos).

P1 – E você falou também que tinha um trabalho também na época, né. Como é que vocês...

R – Na roça?

P1 – É.

R – A gente plantava milho, batata doce, inhame, a mandioca pra fazer a farinha. A gente fazia a farinha, né. Colhia o milho, fazia a pamonha, o milho cozido, aquelas festividades de São João em junho, né. E a mandioca a gente também fazia a farinha e vendia na feira ou trocava por outras mercadorias, levava a farinha e então você pegava carne seca, as misturas. Então havia uma troca, às vezes, quando não dava pra vender, então trocava. Então a gente sempre obteve o sustento da terra, então plantava, colhia e comia.

P1 – E como é que eram essas festas?

R – As festas juninas?

P1 – É.

R – Aí matava porco, uma cabra, um cabrito, carneiro e ficava a festividade, assim, o mês inteiro. Aí fazia uma fogueira enorme, sabe? A fogueira dava pro mês inteiro. Pegava a lenha, fazia uma fogueira enorme, assava milho, fazia pamonha. Vinha toda vizinhança, parentes, então era muito gostoso.

P1 – Era diferente do que é hoje?

R – Muito diferente, não tem nem comparação. Eu procuro reunir a minha família, mas assim, não tem uma fogueira, não tem aquela vivência da terra, do mato, né, é bem diferente aqui na cidade.

P1 – Lá em Catende você frequentou a escola de lá?

R – Frequentei. Lá eu fiz até a quarta série.

P1 – E como é que era? O que você se lembra de lá?

R – Ah, era bom, eu era bem adiantada na escola, eu adorava estudar, era o único divertimento que a gente tinha era ir pra escola. Então, assim, só o meu irmão ia pra escola, que ele era mais velho, então eu chorava que eu queria ir junto. Ele teve muita dificuldade pra aprender, acho que até hoje ele não aprendeu, ele é analfabeto esse meu irmão. A vida dele foi bem sofrida. Porque era o ensinamento antigo que usava a palmatória, sabe? Então eu acho que ele acabou ficando traumatizado e não aprendeu. Mas, assim, eu adorava ir pra escola, foi um... nossa, era maravilhoso. Era uma escola do engenho mesmo, mas vinha uma professora da cidade, ela vinha todo dia dar aula, a professora Graça. Eu lembro que eu aprendi a ler antes do tempo, aí como prêmio ela me levou pra passar o fim de semana na casa dela na cidade. Foi muito gostoso, isso marcou muito (risos).

P1 – Alguma coisa mais te marcou nessa época de infância lá?

R – Ah, meus estudos, os passeios no rio. Porque a gente usa o rio, não tem água em casa então a gente vai pro rio lavar roupa, lavar louça, então lava tudo. Vai buscar água na cacimba, que é longe, aí você vem com a lata d'água na cabeça (risos). Então isso marca. As distâncias também, de ir pra roça. Teve uma época em que meu pai também, como era administrador de engenho, ele cortava cana, então quando era meia-noite tinha um foguinho, aí ele já corria, que era a cana queimando, aí ele cortava a cana. A gente tinha que, quando era quatro e meia, cinco horas da manhã, a gente tinha que amarrar a cana, toneladas e toneladas. Aquilo era traumatizante (risos). Essa época não foi muito boa não, mas eu lembro. Quando você olha assim, aí vinha o pet inteiro de cana, você olhava e não tinha fim, né, aí tinha que amarrar tudo aquilo até dez horas porque aí você tinha que ir pra casa, tomar banho e ir pra escola. Aí já era um outro engenho onde a gente morava, que era em Ouricuri. Então você tinha que sair de casa tipo dez e meia pra chegar uma hora na escola, aí você tinha que andar tudo isso, uma hora e meia, duas horas.

P1 – Era longe as coisas então, a cidade?

R – Muito longe. A gente não tinha recurso pra pagar pra ir pra escola, então tinha que ir andando. Então você tinha que sair, às vezes, cedo pra escola. Nove e meia, dez horas, dez e meia, porque entrava às 13 horas. Então às vezes conseguia uma carona e tinha que ir embora e ficar lá esperando dar a hora da escola. Ou ia a cavalo ou ia andando, porque era longe, tipo assim, daqui até Pinheiros? Não, mais longe.

P1 – E como é que foi essa decisão do seu pai, de se mudar?

R – Pra vim pra São Paulo? É que a gente não tinha mais recurso lá, a terra estava secando, os riachos secando, então não tinha mais como viver da roça e também os engenhos, as usinas estavam fechando, as usinas de cana-de-açúcar. A solução dele foi vir pra São Paulo. A gente já tinha um tio aqui, onde deu apoio e suporte pra gente, tinha um tio que morava em Santo Amaro, e uma irmã dele que morava aqui no Rio Pequeno. Então a gente veio aqui pro Rio Pequeno, pra casa da minha tia. Aí esse meu tio de Santo Amaro arrumou esse emprego pra ele nessa empresa, onde ele ficou a vida inteira, até se aposentar. Ela era ótima e o pessoal queria levar ele. A empresa mudou, foi pra Sorocaba, aí queria levar ele, a família, ofereceu casa, tudo, mas ele preferiu ficar aqui, não acompanhou a empresa.

P1 – Como é que foi a viagem? Como é que vocês fizeram?

R – Vindo pra cá? De ônibus, três dias de ônibus (risos). No início veio o meu pai e ele me trouxe porque eu era a mocinha da família e se ele deixasse lá ia virar uma mulher da vida, (risos) eles tem essa ideia. Aí me trouxe com ele pra estar junto, ali, cuidando (risos). Aí eu vim com ele. Aí eles já tinham arrumado emprego, depois, assim... morava na favela, a minha tia tinha um barraco na favela e a gente morava com ela. Aí depois ele conseguiu comprar um, próximo, aí que ele trouxe a minha mãe, tudo. Mas era uma situação bem precária, tinha o que? Uma cama de casal pra dormir a minha mãe, meu pai e todos os meus irmãos. Aí a gente fazia um foguinho lá na lata com carvão, pra cozinhar lá. Então ficamos assim um bom tempo, até ele conseguir ir se estabilizando, comprando um fogão, uma geladeira, mas ficou bastante tempo assim. Eu lembro da gente dormindo todo mundo amontoado, um frio muito grande aqui em São Paulo, uma loucura. E a gente não tem roupa de frio no nordeste, né, então, assim, passei um frio aqui! (risos) Aí a gente ia no brechó e comprava camisa, a camisa era a blusa de frio. Eu via o pessoal com aqueles casacos, tudo quentinho, falava: “Meu deus, aquela ali tremendo.” Era camisa com manga comprida, mas era a nossa salvação, era o que tinha.

P1 – E o que você sentiu quando chegou aqui, quando você olhou, viu que era diferente?

R – Nossa, foi um trauma porque onde a gente morava, no primeiro, sítio não tinha energia, então a gente não tinha contato com televisão, essas coisas, mídia, mas no outro engenho já tinha energia, então a gente via na televisão tudo muito lindo, né. Nossa, apartamentos, aquelas casas enormes com aquelas janelonas de vidro. Então você vem, assim, aí você fica imaginando. Aí depois vai criando um certo trauma porque você vai vendo: “Nossa, tem casa de madeira.” Aí é um choque: “Como que o pessoal vive ali?” E foi ali que eu tive que viver durante anos, (risos) pra poder conseguir a moradia em si, né. Aí você fica traumatizado, né, porque a gente sempre morou em casa grande, enorme, cada um com o seu quarto, ou as meninas num quarto e as meninas em outro. Aí você chega aqui e tem que morar num barraco que tem um banheiro, e fica todo mundo junto ali. Aí você fica assim, mas acho que é a luta em busca do melhor. E graças a deus ele... e, assim, fui estudar, tudo, mas assim, traumatizante e vergonhoso. É, a gente fica assim: “Puxa, não quero que meus amigos saibam que eu moro aqui.”, sabe aquela coisa? Assim, eu tinha um sonho muito grande que era o meu pai comprar uma casa na rua que ia pra favela, sabe? E isso se concretizou. Eu não consegui desfrutar da casa, que antes eu casei, mas assim, a minha vontade, o desejo era tanto que ele comprou uma casa ali na rua, então eu imaginava assim: todo

mundo sabia que eu pegava aquela rua, então eu morava na rua, eu não morava na favela (risos). Até hoje ele mora lá. Eu falo: “Nossa, que coisa, né, a força do pensamento mesmo, a fé, o desejo.”

P1 – E agora que você falou da rua, como é que era a rua onde você morava?

R – A rua é no final do Rio Pequeno, rua Izaura Cristiano de Souza, ela dá de fundo com a Waldemar Ferreira, que é onde fica a favela do Sapé, que agora já urbanizou, fizeram uns predinhos, está bonitinho agora. Então dava de encontro com ela, falava: “Nossa, meu desejo é que meu pai comprasse essa casa aí.” Nossa, se concretizou esse sonho. Aí ele comprou a casa na rua, na época com o trabalho dele lá da empresa, e está lá até hoje.

P1 – Mas as ruas eram o que? Eram de terra? Era asfaltado à época?

R – Era asfaltado, a rua era asfaltada lá, não era de terra não.

P1 – E vocês brincavam lá também?

R – Brincava, brincava na... assim, na época em si, assim, eu já estava na adolescência trabalhando, então eu não tinha muito contato com o pessoal. Eu era uma pessoa meio... até eles me chamavam de orgulhosa porque eu entrava e saía, sabe? Saía pra trabalhar, voltava à noite da escola, saía. E fim de semana ficava... dormia ou lavava a roupa, arrumava a casa lá, né, mas não era de ficar junto ali.

P1 – Com as outras crianças do bairro.

R – É, não, que eu já estava na minha adolescência já, né, tipo mocinha, já saía, ia pros parques, pros shows que tinha ali no Eldorado, na Benedito Calixto, no Ibirapuera.

P1 – Conta mais disso aí. O que você fazia pra se divertir na época? Que shows são esses?

R – Ah, ia no show das bandas na época, RPM, Lobão, Rádio Táxi (risos), vários shows ali na Benedito Calixto. Aí curtia Raul Seixas, aquelas coisas.

P1 – E você conheceu esse pessoal aqui então, esses artistas?

R – Ah, aqui, tudo aqui. Na época eu já comecei a namorar também. Aí fiquei dois anos na loja, depois, dos quinze aos dezesseis anos eu passei a trabalhar o dia inteiro e estudar, aí já comecei a namorar e já casei, já arrumou filho.

P1 – Mas voltando um pouquinho de novo. Você veio estudar aqui quando você chegou?

R – Sim, eu estudei na escola...

P1 – Em que escola você estudou?

R – Eu estudei no Brasil-Japão, escola municipal Brasil-Japão, no final do Rio Pequeno, eu fiz a sétima série, fiz a sexta e a sétima. Aí fiz a oitava e o colegial no Daniel, que é um colégio também no Rio Pequeno, um colégio estadual, aí já era noturno. Não terminei lá porque eu arrumei emprego na Rebouças, aí eu fui estudar no Godofredo Furtado. Aí desse emprego na Rebouças que eu arrumei, na área administrativa, aí eu conheci o meu namorado e futuro esposo. Mas assim, eu não consegui terminar o ensino médio, o colegial. Tive uma filha, a primeira filha em 85 e não consegui finalizar os estudos. Cuidava da família, trabalhar. Aí 85, 86 já veio o meu segundo filho, depois em 90 o terceiro, naquela luta, né. Aí começava... aí trabalhava... o segundo filho eu deixei de trabalhar, só que meu marido era desempregado, não tava trabalhando. Aí depois ele começou a trabalhar e aí em 90... eu trabalhava por dia, era diarista, fazia qualquer coisa, lavava, passava, cozinhava. Aí pegava o dinheiro, comprava o alimento e voltava pra casa. Um dia comprava o arroz, aí no outro dia comprava uma carne, um feijão, um macarrão, um leite e assim ia. Pegava dois, três dias na semana pra cuidar em casa das crianças e também ter o sustento. Aí depois já... como eu tava grávida eu não podia arrumar emprego, já do terceiro filho, aí eu trabalhava em casa de família até o final.

P1 – Antes de chegar no seu casamento eu queria saber sobre esses empregos antes de você trabalhar onde você trabalhou, onde conheceu seu marido.

R – Ah, tá. Quando eu cheguei aqui eu trabalhei numa lojinha lá no Rio Pequeno, trabalhava o dia inteiro, de segunda a sábado. O dia inteiro não, na semana era meio período, que era pra dar oportunidade pro pessoal estudar. Então eu trabalhava das oito a uma e estudava à tarde. Aí depois eu vi que não tava dando lá, eu já tinha datilografia, né, fui arrumar um emprego o dia inteiro na área administrativa, auxiliar de escritório. Aí a minha mãe trabalhava numa empresa da Lapa, ali no Alto da Lapa, ela conseguiu um emprego lá na área administrativa pra mim. Aí eu fui, fiz o teste e consegui. Aí que eu comecei a estudar a noite e trabalhar no escritório, isso em 82. Aí fiquei lá nove meses nessa empresa, depois mandaram embora, tinha muito corte, aí fui mandada embora, em 82. Em seguida eu arrumei um emprego aqui no Jaguaré, em uma outra empresa. Foi? Foi. Aí também fiquei pouco tempo, tipo dois, três meses. Aí depois arrumei um outro perto do Eldorado, fiquei também um mês, mais ou menos. Depois arrumei um outro emprego numa outra empresa aqui na Corifeu de Azevedo Marques, lá perto do Shopping Continental, fiquei acho que uns seis meses lá. Aí de lá eu arrumei, em 83, final de 82 pra 83 eu arrumei na Rebouças, era uma empresa de engenharia. Aí fiquei lá uns dois anos, até ganhar a minha filha, quando eu vim. Depois que eu ganhei ela eu voltei e voltei grávida já, também. Aí eles me

mandaram embora. Naquela época eu não tinha conhecimento, não reclamei, não recorri atrás.

P1 – Entendi. E como foi conhecer o seu marido?

R – Assim, indo trabalhar eu conheci ele no ônibus, só que a gente já tinha estudado juntos. Estudava na mesma escola, aí vim conhecer ele... reencontrei ele no ônibus. Porque, assim, ele era da oitava e eu era da sexta e da sétima, aí os meninos da oitava são mais velho, ele não quer ter contato com a criançada, né (risos). Na sétima série era criançada. Então a gente não tinha contato, só se conhecia assim de vista. Aí a gente se reencontrou em 83 e ficamos juntos. Disso aí saiu o casamento. A gente planejou em casar, já no final de 84 pra 85, a gente ficou namorando 83 pra 84, no final de 84 eu descobri que estava grávida, em novembro. Aí a gente planejou pra ir morar junto. A gente ia casar em março e ia ganhar o bebê em agosto. Aí a mãe dele faleceu em março e a gente pegou e não casou mais, com aquele clima, né, de perda de família. Aí a gente foi morar junto.

P1 – E como é que foi ser mãe, a primeira vez?

R – Foi gratificante. Muito esperado, o primeiro filho, fruto dum amor, né, aquela coisa, nossa estrela, aquela coisa de luz, tanto que o nome dela é Elis, a nossa estrela (risos). Foi muito bom pra mim, uma experiência boa, tanto que eu arrumei um em seguida (risos). Ela é do dia três de agosto de 85 e a segunda nasceu dia 20 de agosto de 86.

P1 – Logo em seguida já.

R – 17 dias depois, um ano e 17 dias.

P1 – E qual o nome dela?

R – Taís, é a Taís. Aí eu fiquei cuidando desses bebês, aí em 90 eu ganhei o terceiro, 89, minha terceira filha, que é a Laís, que fez parte aqui do PET, a Laís. Da Laís eu arrumei alguém pra cuidar dela, as meninas já estavam na creche. Eu arrumava... sempre corria pra arrumar creche, essas coisas, alguém pra cuidar, nunca parei assim não. Deixava com um, deixava com outro, pagava um dia, pagava um dia, dividia metade, então sempre na luta. E a gente morava de aluguel.

P1 – Onde que é que vocês moravam?

R – A gente morava na Vila Antônia, aqui no... é um bairro perto do Rio Pequeno, entre a Raposo, ali, o quinze da Raposo. E como a minha sogra faleceu e meu sogro morava num sobrado, aí ele pediu pra gente morar com ele. Só que a gente sabe que não dá certo, né, mas mesmo assim a gente foi, tudo. Aí moramos lá uns meses, mas aí não deu certo, aí acabamos... eles brigavam, né, essa coisa de pai e filho, não dá certo, não aceita muito, né. Você tem um ritmo de vida, né, igual aos meus filhos, eles tem um ritmo de vida hoje, eu tenho outro, então cada um tem que viver dentro dos seus conceitos. Aí não deu certo, teve uma briga lá, acabei ficando na rua, literalmente, e aí a gente foi morar no fundo da casa da minha mãe, tinha um quartinho lá e a gente aumentou ele e ficou morando lá. Aí disso, assim... eu fiquei procurando emprego, né, que eu trabalhava na contabilidade, arrumei um emprego na contabilidade e fiquei sabendo que a USP tava pegando, aí minha mãe falou: “Vem e faz uma ficha.” Aí vim fazer uma ficha aqui.

P1 – Ela já trabalhava aqui?

R – Ela trabalhava na Educação Física. Aí ela ficou sabendo que o CEPEUSP estava pegando, só que era pra limpeza, auxiliar de limpeza. Aí eu falei: “Não, eu vou.” Mesmo na contabilidade. Tipo, eu ganhava 250 na contabilidade e aqui eu ia ganhar 480, aí eu falei: “Não, vou embora, o importante agora é o salário, estou precisando.” Aí vim, fiz o teste e das cinquenta mulheres que tinha eu consegui passar nas seis vagas, aí entrei aqui em 90. Aí ficaram me procurando, porque naquela época não tinha telefone, não tinha contato, né, o contato era a pessoa. Minha mãe estava de férias, tudo, aí quando ela retornou, falaram “Então, Maria, estão procurando a sua filha aí.” Aí ela veio no CEPEUSP, conversou com a moça lá, a senhora que era responsável, ela falou: “É que ela foi aprovada, pra ela vir já trabalhar.” Isso era final de dezembro, sabe? De 89, dezembro de 89. Eu senti pra perder a vaga mesmo, aí ela falou “Vem correndo.” Aí liguei na contabilidade, falei: “Moça, preciso sair urgente.” Aí vim e eles falaram que tinha que trazer os documentos e já começava a trabalhar. Aí já providenciei tudo, já assinei tudo, falei: “Não, é pra ontem.” Aí voltei na contabilidade e ele pediu pra ficar até o início aqui, pra ele arrumar um pessoa também. Então aqui eu comecei dia 23 de janeiro de 90 e continuei trabalhando... aí eu saía daqui às três horas, que o horário era das sete as três, aí você trabalhava sábado o dia inteiro. Então uma semana era no sábado e a outra semana era no domingo, o dia inteiro. Era a limpeza, né, que era pra atender o clube. Aí fiquei na contabilidade até o dia 30 de janeiro pra dar um suporte, pra ele fazer o fechamento, tudo, né. Aí vim pra cá. Trabalhava na limpeza, toda feliz, alegre aí, limpando os banheiros. Aqui era tudo quarto, aqui era tudo alojamento, isso tudo aqui era quartos com beliche que a gente limpava e lavava esse corredor inteiro. Era uma festa, aquela mulherada tudo junto (risos).

P1 – Se divertiam

R – Nossa, era muito gostoso. Aí fiz inscrição... fiquei sabendo que tinha creche, fiz inscrição e aí todo mundo falava: “Imagina, você é louca, ninguém consegue não, não sei o que.” Mas deus abençoou e eu consegui três vagas (risos). Aí ninguém... aí, nossa, foi um momento de revolta: “Nossa, como ela conseguiu, não sei o que.” Ué, tem que fazer, né, tem que tentar, não adianta você ficar: “Ah, é difícil.” Você não vai lá e tenta? “Ah, nem vou, é difícil.” Não, vai lá e tenta, a sorte é sua, cada um tem o seu momento. Então eu fiz inscrição aqui na creche, aqui no COSEAS, consegui creche pras três. Nossa, aí foi uma benção, uma vitória na minha vida. Aí na creche também foi aquela coisa, todo mundo queria conhecer as 'is', Elis, Taís e Laís (risos). Então foi muito gostoso, aí pronto, foi tudo abençoado, né. Consegui a creche, consegui me estabilizar

melhor, mais tranquila, né. Porque eu deixava uma aqui, outra acolá, ninguém quer cuidar de três. Então eu pagava pra um cuidar e então tinha que pegar ônibus, deixar um num lugar e deixava outra em outro. Tanto que eu vim andando do São Domingos pra cá, que a última que eu deixava eu deixava no São Domingos, que uma tia minha que cuidava. Dali já não pegava ônibus, naquela época, tudo lotado, aí você tinha que vir andando. Passava o São Domingos, subia a Drogasil, descia, chegava aqui, pegava o circular e vinha trabalhar. Aí saiu a creche e eu fui abençoada. Aí foi as três pra creche. E assim, como eu tinha conhecimento na área administrativa e estava terminando o colegial, aquela coisa, eles começaram a me aproveitar pra área administrativa, então, assim, às vezes eu tava limpando e eles ligavam e aí eles corriam: “Olha, cabeluda...” que eu tinha um cabelão assim, enorme. Elba, Gal, todo mundo me chamava de Elba e de Gal (risos). Aí falavam: “Cabeluda, estão te chamando lá na diretoria.” Aí eu ia lá, ajudava a digitar nos congressos, simpósios, sabe? Fazia as correspondência, fazia a mala direta. Então, assim, onde precisava eu dava suporte. Tava lá limpando: “Larga o rodo, vai lá!” E corria eu lá e ajudava. Teve uma época do exame dermatológico aí chamava pra atender o exame dermatológico: “Vai lá, troca de roupa pra atender o pessoal do dermatológico.” Aí eu ia lá atender. E assim eu fui crescendo aqui.

P1 – Você entrou já no CEPE direto já?

R – Já, entrei no CEPE direto com auxiliar de limpeza, mas como eu te falei, trabalhava na limpeza, mas como eu tinha conhecimento da área administrativa eles me chamavam pra dar suporte. Então eu ajudava muito na diretoria, nos simpósios, na digitação dos trabalhos do professor, que na época era o professor Luzimar, e no exame dermatológico. E depois começou a tirar férias o pessoal, né, teve um rapaz que entrou de férias e aí pediram pra eu substituí-lo lá, ficar na seção dando suporte, então eu ia. Aquela coisa, as meninas: “Ah, você é besta, você é trouxa. Você entrou prum serviço e está fazendo outro.” Eu falava: “Eu vou buscar aquilo que é melhor, né.” Eu busco aprender, conhecimento, então eu to buscando conhecimento e aprendizado. Teve uma época em que uma menina saiu de licença e aí precisou pra trabalhar no NURI, aí eu fui trabalhar no NURI.

P1 – No NURI?

R – É, Núcleo de Recreação Infantil, aquele prédio coloridinho.

P1 – Ah, sim

R – Que atendia as crianças de três a sete anos. Aí eu trabalhava na secretaria, atendia os pais, aí pegava os remédios das crianças, essas coisas. Aí de lá eu acabei ficando na área administrativa, aí pediram pra... mudança, né, permanecia o mesmo salário, só mudava a categoria de limpeza pra administrativo.

P1 – Isso foi em que ano, mais ou menos?

R – Acho que em 93. 93, por aí, uns três anos depois.

P1 – E como é que era o CEPE nessa época? Era diferente do que é hoje?

R – Muito diferente. O CEPE era lotado, uma loucura de gente, nossa! Você não vencia (risos). Os vestiários tudo lotado, piscina lotada, os vestiários da piscina lotados, passarela lotada, uma loucura. Quando vinha calourada então, nossa! O exame dermatológico, aquela marquise do velódromo lotada, aquela fila enorme, aquela loucura de gente. Aí vinha o pessoal da segurança dar um suporte, tudo (risos). Era bem diferente. Hoje está assim meio perdido, vem um ou outro, não tem mais aquele fluxo. A gente vê... quando tem bastante gente é na época da calourada mesmo, que o pessoal vem conhecer, quer conhecer, né. Um evento legal que acontecia aqui e que agora não acontece mais era a Feira de Profissões, aí lotava também. Aí você lembrava daquele antigo CEPE, sabe? Lotado de gente, gente em todo lugar, nossa! Gostoso.

P1 – E você se lembra de alguma história com os alunos que você teve nessa época, antes do administrativo?

R – Ah, no administrativo a gente trabalhava muito com os bolsistas, né, eram trinta bolsistas, então aqui tinha aluno de todas as unidades, bolsistas do NURI. Aí tinha bolsista da Educação Física, da ECA, da Letras, da FAU. Trabalhava com as crianças, trabalhava trinta horas na semana pra atender as crianças e ganhava como bolsista. Eu trabalhei muito com os alunos, era gostoso.

P1 – E o PET, quando você conheceu? Como é que foi?

R – O PET, aí... teve uma época... o que aconteceu? Quando a criança sai da creche e vai pra escola ela não tem onde ficar, aí começa o desespero, aí ficar com a gente até... tem administração que deixa a criança ficar, tem administração na época que não deixava, você tinha que arrumar um lugar pro seu filho. Foi aí que eu vi que surgiu o Projeto Esporte e Talento, aí vim fazer a inscrição. Vim fala com eles, na época, aí falaram que tinha que fazer inscrição, preencher umas fichas pra colocar. Foi aí que eu consegui colocar a minha filha aqui. Então ela vinha da escola, almoçava comigo e vinha pra cá, então ajudou bastante. Mas antes de vir o Projeto Esporte e Talento tinha aquele... tinha um projeto da prefeitura.

P1 - Xerox, não era?

R – Não, o Xerox eu não consegui não, que era atletismo, né. Porque às vezes a criança tem que gostar, né, não adianta você colocar a criança numa coisa que ela não gosta só pra ela não estar perdida, né. Então eu colocava ela num projeto fora da USP, tinha um projeto da prefeitura, esqueci o nome, projeto... esqueci.

P1 – Não tem problema não.

R – Era projeto de jovens, juventude, pra atender os jovens.

P1 – Sei. Ela tinha quantos anos, mais ou menos, nessa época?

R – Tinha sete, oito anos.

P1 – Sete, oito. A Elis, né?

R – A Elis, tinha oito anos. Naquela época ela ficava no NURI lá com o pessoal tudo, mas depois não dá mais, tem que arrumar um espaço pra eles. Aí foi que surgiu aqui, aí ficava fora nesse projeto, que eu levava e pegava, aí depois surgiu aqui e melhorou bastante pra mim, já conciliou as coisas, estar no mesmo espaço.

P1 – Você se lembra mais ou menos quando você conheceu? Em que ano?

R – Nossa.

P1 – A Elis já entrou no primeiro ano do PET já?

R – Eu não lembro se ela entrou no primeiro ano, eu preciso rever meus registros (risos).

P1 – Tá certo.

R – Preciso ver qual época ela entrou. 85, com sete, 92. Acho que era essa época, 93.

P1 – Entendi.

R – 93, por aí. Acho que foi em 93 que ela entrou. Tinha mais... tinha... antes o projeto era de sete a 17, depois ele mudou as idades. Então ela conseguiu entrar nessa época no projeto, acho que foi em 93, se não me engano.

P1 – Entendi. O que ela fazia aqui, na época?

R – Ela fazia... porque na época o projeto era todas as modalidades, então fazia um pouco de cada coisa, mas ela treinava mais canoagem. Aí eu não conhecia a raia nem a canoagem. Um dia eu fui lá conhecer e fiquei assustada porque ela não sabia nadar, eu falei: “O que está fazendo nesse mundaréu de água, né?” (risos)

P1 – Ela não sabia nadar?

R – Não, eles faziam a canoagem lá com colete e tudo, né, mas eu tinha medo. Eles faziam com a Dani, na época era a Daniela, que agora ela treina canoagem aí mundo afora. Aí eu fiquei assustada com aquilo, né, numa atividade lá deles. Aí eu pedi pra ela fazer alguma coisa terrestre: “Vai fazer alguma coisa na terra.” Aí ela veio fazer basquete (risos). Assim, participava de todas as atividades, mas tinha um que eles se concentravam mais pra competir, então eles faziam basquete. Aí as duas começaram a fazer basquete, aí vinham.

P1 – Ela foi a primeira a entrar no PET, então?

R – Foi, depois entrou a Taís e aí fazia basquete também. Jogava basquete, jogava handebol, jogava futebol, jogava tudo.

P1 – E como é que ela via o projeto? Ela gostava? O que ela falava pra você? A Elis, primeiro.

R – Ah, elas adoravam, elas gostavam do projeto, adoravam vir pra cá. Na época tinha lanche, tinha almoço, era bem servido. Era um projeto bem estabilizado pra atender a criançada carente mesmo, então tinha almoço, tinha lanche. Eu acho que eles almoçavam no CRUSP, na época, se não me engano. Acho que o monitor pegava a turma, levava e trazia. Depois a tarde tinha lanche. Aí dava bastante coisa pras crianças também, tênis, uniforme, mochila, então tinha uma estrutura boa pro atendimento das crianças.

P1 – E você via ela jogando? Tinha alguma competição?

R – Sim! Vinha, participava, fim de semana eu vinha trazer eles, ficava lá torcendo, uma mãe louca (risos), elas: “Para, mãe, pelo amor de deus.” “Ah, deixa eu torcer!”, grita. Sempre vinha trazer eles e participava também das atividades, tudo o que tinha aqui. Na medida do possível eu vinha e participava porque eu trabalhava... eu ainda continuei dando suporte no fim de semana, até eles me liberarem, aquela coisa assim: “Eu deixo você ir pra atividade... pra área lá, mas você tem que dar i suporte aqui.” Até se estabilizar e dizer: “Não, desvincular de vez.” Aí deu pra começar a participar das atividades de fim de semana aqui. Aí tinha as competições.

P1 – Você lembra como eram as competições? Qual era o nome ou o que se fazia aqui?

R – Não me lembro do nome, não, mas trazia, participava. Tinha... festival, acho que era Festival, se não me engano, Festival do PET, acho que era. Eles competiam com outras escolas também, iam lá também pros outros clubes treinar, competir, era muito legal. Trazia eles aqui e eles iam lá, o ônibus levava. E daqui sempre vinha participar, vinha assistir, trazia eles.

P1 – Como é que era ver as suas filhas jogando?

R – Ah, era ótimo, maravilhoso, gratificante. Você ver o trabalho dos monitores e depois eles lá competindo. E levava a sério, (risos) ficavam bravos lá se perdia, se não ganhava, se alguém fazia alguma besteira no jogo.

P1 – Elas vinham reclamar?

R – Era gostoso aquele comprometimento delas com os jogos, com a participação, tudo.

P1 – Elas vinham reclamar em casa pra você de alguma coisa que aconteceu, que perdeu o jogo, essas coisas?

R – Não, eu tava junto sempre, né, então ali já achava tranquilo. Às vezes a competição era fora, né, era em outro clube e aí não dava pra ir, não conseguia ir. Aí elas só falavam: “Perdemos.” “Ganhamos.”

P1 – E depois da Elis, quem mais entrou?

R – Entrou a Taís, a Taís em seguida também. Ela era uma ano depois, então eu acho que 94, 95, acho que 95. 95, 96 ela deve ter entrado. Aí entrou e também, já ficavam as duas. Depois, em 94 veio o Caíque, ele também chegou a participar do projeto, em 2004, 2005, aí participava do projeto.

P1 – E você chegou a conhecer os professores? Você já tinha duas filhas aqui e eles deviam conhecer você, né.

R – Sim. A Paula, o Zé, tinha a Dani. Aí o Maykell e a Suzana que era deles, tinha o Alexandre, que saiu. Tinha a Sandra, era bastante.

P1 – E você tinha uma relação boa com eles? Tem uma relação boa com eles?

R – Com os professores daqui?

P1 – Sim.

R – Sim, tinha, sempre chamavam pra conversar, às vezes tinha algum problema, alguma dificuldade. Às vezes tinha problemas em casa aí acabava atrapalhando, né, então eles chamavam pra conversar, tinha as reuniões, chamava pra conversar: “Olha, está acontecendo isso, isso e isso. Tá com uma certa agressividade, está rebelde.” Aí conversava, falava o que estava acontecendo em casa e acabava ficando mais em observação, pra ver o que estava acontecendo. Chamava pra conversar, tinha psicólogo também, na época tinha psicólogo aqui, então tinha todo um acompanhamento bom aqui, tanto pro familiar como pro atleta também, pra criança.

P1 – Entendi. E como que eram essas reuniões?

R – Ah, pra mostrar o rendimento, pra falar como que era o projeto em si, a participação deles, a participação dos pais também, que era muito importante estar junto, estar acompanhando. Porque às vezes o pessoal, assim, o projeto em si, aí pega e deixa a criança lá e nunca vem, né, nunca participa, não sabe o que está acontecendo. Tipo, assim, a obrigação é do projeto cuidar do teu filho, né. Você também tem que dar a sua participação, a sua contribuição de pai, de estar junto, estar vendo o que está acontecendo. Às vezes não dá, mas procurar se esforçar um pouco, né, e participar, estar junto.

(pausa)

P1 – A gente estava falando do PET então. Eles procuravam você e os pais então?

R – Sim, eles mandavam bilhetezinho que tinha reunião, tinha encontro dos pais. Sempre faziam um encontro, aí tinha uma atividade junto com os pais, as crianças, então era muito legal.

P1 – E aí depois da Taís?

R – Veio a Laís.

P1 – Veio a Laís também?

R – A Laís também veio.

P1 – E ela gostava de fazer o que? Que modalidade ela fez?

R – As três faziam basquete. Às vezes jogavam handebol, mas faziam mais basquete, então era mais basquete. Os meninos que foram pro futebol. Na verdade os meninos, quando entraram, já estava tudo... não tinha mais especificação de atividade, né, unificou, ficou aquela coisa mais pra teoria, não tinha muito a prática, agora tem mais uma atividade... não jogava... antes eles jogavam, participavam, tinha competições, tudo.

P2 – Eles sentiram essa mudança?

R – Sentiram. Acho que eles gostam de participar de uma atividade que tenha uma competição, que tenha uma finalidade: “Olha, nós vamos competir com tal escola.” Até mesmo pra saber, pra eles sentirem como que é como atleta: “Como é que eu tô?”

P1 – E elas queriam seguir essa carreira, nessa época?

R – Olha, até tentaram seguir, fazer teste e tudo, mas acabaram... na realidade, assim, a Taís... eu vejo assim, eles faziam a atividade em si, não pra seguir profissionalmente em si, do esporte, mas tipo pra ser uma atividade na vida deles. Porque a Taís ela já começou a fazer CEFAN, então o CEFAN era o dia inteiro, aí ela acabou se afastando do projeto.

P2 – Eu ia perguntar isso: todos eles ficaram o tempo todo aqui no projeto?

R – O tempo todo.

P2 – Porque tinha uma faixa etária, né.

R – Isso, ficaram toda a faixa etária até finalizar e sair. Aí a Elis, logo em seguida, já casou, arrumou filho, tava com 15 anos e arrumou filho. A Taís não, a Taís foi estudar, foi fazer CEFAN e aí era o dia inteiro, aí teve que se afastar. Aí ela sentia falta, vinha de final de semana ver o pessoal, quando tinha encontro. Aí teve um encontro aqui, a Laís veio, elas não vieram, mas estão loucas pra próxima, pra vim e trazer os filhos, sabe aquela coisa? Mas elas tem contato ainda com algumas meninas que participaram. Tem a Fúlvia, tem a Aline, tem a Sílvia. Elas tem esse contato ainda do PET. Então a Taís fez CEFAN, fazia o dia inteiro, depois saiu do CEFAN e aí começou a dar aula, é professora de faculdade. Agora está fazendo pós, mas já está casada e com dois filhos (risos).

P1 – Ah é? Ela foi pra que área na faculdade?

R – Pedagogia. Ela adora. E aí está fazendo pós em Libras. Ela já é diretora lá da Liga Solidária, a Liga Solidária ali no João XXIII, a parte da coordenação, de direção, diretora lá de ensino. Ela tá lá, terminou a faculdade, já conseguiu e vive fazendo concurso aí, sabe? É uma área que ela tem uma afinidade muito grande, ela gosta.

(pausa)

P1 – Eu queria perguntar pra você agora da Laís. Ela foi fazer o que?

R – A Laís. O que ela foi fazer?

P1 – Sim.

R – Depois que saiu daqui?

P1 – Exato.

R – A Laís ela participou daquele projeto Jovem Aprendiz, eu coloquei ela na ESPRO, lá no centro da cidade. Ela fazia o curso e aí arrumou emprego no Unibanco. Ela trabalhava no Unibanco e na sexta-feira eles vão pro projeto pra ver como foi o rendimento, essas coisas. Então ela ficou nessa área um bom tempo, aí depois ela saiu e arrumou emprego na Abril Cultural, na Editora Abril aqui na Marginal. Aí ela viu uma necessidade de fazer uma faculdade, aí ela foi fazer Gestão em RH. Aí ela fez, a colação de grau vai ser agora dia 22. Ela também conseguiu se formar. Ela vai casar agora, já que terminou a faculdade, está arrumando a casinha dela pra casar.

P1 – E o PET dava alguma orientação pra emprego, alguma coisa também assim? Tinha convênio com algum parceiro, alguma coisa desse tipo?

R – Na época não, não tinha não. Porque quando saía daqui eu sempre procurei alguma coisa, nunca deixei eles, assim, sem fazer nada. Então, assim, trazia pra cá na época, quando saía da escola eu nunca deixei largado em casa sozinha. Então procurando sempre uma atividade. E saindo daqui eu já comecei a arrumar emprego, então fazia aquelas... esse Jovem Aprendiz, procurava tudo na internet onde tinha, aí a Laís fez esse Jovem Aprendiz lá da ESPRO, a Elis eu coloquei na Beneficência Portuguesa, que era onde era a antiga AVON, onde tem um presídio ali no 19 da Raposo, mas aí ela não ia no curso, ela ia namorar e arrumou um filho (risos). Agora ela está com três filhos. Mas graças a deus, esses dias ela arrumou um emprego lá e agora está estabilizada, então está bem também.

P1 – E você se lembra de alguma história que te marcou delas em relação ao PET?

P2 – Ou mesmo que marcou elas.

R – Ah, os acampamentos lá. Tinha um acampamento aqui que eles dormiam! Nossa, isso foi, assim, maravilhoso pra eles. De vez em quando eles se juntam em casa e vão olhar fotos, sabe? Ou marcam de se encontrar com as amigas, então isso marcou muito. Eles falam muito bem desse período aqui, que foi maravilhoso pra eles, de ter colocado eles aqui, ter mostrado um outro caminho, né. Então, assim, eu vejo que eles elogiam muito isso, de eu ter me preocupado em estar colocando eles... sempre direcionando eles, mostrando: “Olha, é esse o caminho, procura fazer isso.” Então, ter o conhecimento e correr atrás. Pelo menos a Laís, a Taís, né, e ficam preocupadas com eles que ficaram lá atrás, não caminhou. Depois que eu tive o Caíque, em 94, eu voltei a estudar, pra terminar o colegial. Aí eu consegui uma bolsa, tinha um professor que trabalhava aqui e que me falou do Externato Bonfiglioli, eu fiz uma prova e consegui a bolsa nesse externato, aí terminei o colegial. Eu tava grávida do Caíque. Ele nasceu no carnaval, até me ajudou, não precisei me afastar da escola. Ele nasceu no carnaval, aí eu fiquei o período do carnaval e já voltei com ele no colo pra escola. Aí ele ia comigo até eu terminar. Aí terminei em junho de 94, terminei. Depois em 2004 eu fiz um curso de teologia, teologia pastoral e depois eu fui fazer uma faculdade.

P1 – De administração, né.

R – É, fiz agora em 2009. Em 2005 eu fiquei viúva, em 2004 fiz o curso de teologia pastoral e em 2005 eu fiquei viúva do pai deles, ele faleceu, teve infarto. Aí eu comecei a faculdade em 2009 e em 2013 eu concluí o curso. Uma vitória.

P1 – E esses outros dois filhos entraram no PET também?

R – Também, o Caíque ficou aqui no PET e aí também já saiu porque deu a idade, acho que começou a diminuir a idade, né, aí ele começou a trabalhar, ele trabalhava numa mecânica do padrinho dele, porque ele adorava carros, era doente por carro.

P1 – Mas ele ficou o período inteiro também que ele poderia ter ficado?

R – Ficou, ficou o período inteiro, sempre ficou o período até... aí depois começou a acabar as atividades e aí ficou... desestimula eles.

P1 – Porque mudou então?

R – Mudou, mudou. Ficou mais rodas de encontros, ficou uma coisa mais... não era mais atividade como antes, muita atividade. Ia pro futebol, não sei pra onde, sabe? Então teve uma certa mudança, mas eles vinham e gostavam de participar. Aí ele participou aqui o período que teve que ficar e depois com uns 14, 15 anos, já começou a trabalhar nesse mecânica.

P1 – E o que ele falava daqui pra você? Como é que era?

R – Ah, eles adoravam aqui, só tenho elogios do pessoal de apoio, a Remédios em si, aí com eles, o pessoal do... os professores. Aí em 2010 ele sofreu um acidente, tinha 16 anos. Foi carro e bicicleta. Eu brigava com ele por causa de bicicleta, mas não teve jeito, ele sofreu um acidente de bicicleta, um caminhão pegou ele e foi fatal. Tinha 16 anos. Antes disso o Vinicius também entrou no PET, mas o Vinicius acabou também, já estava meio restrito aqui, ele não vinha mais, que era o Petelecão lá. Então ele ficava mais tipo cuidando dos outros, sabe? Aí também ficou uma coisa meio... ah, ele está na luta aí, fez 17 anos agora, está tentando arrumar emprego.

P1 – Você se lembra como era dividido as modalidades, ou as idades, assim, aqui?

R – Tinha a canoagem na raia, tinha o futebol, o handebol, o basquetebol, então eles separavam, por faixa etária também. Aí depois tinha uma atividade na piscina. Conforme foi reduzindo as atividades eles começaram a incluir atividades na piscina, aí eles iam com uma turma pra piscina pra fazer outras coisas.

P1 – E as faixas etárias, como que eram? Quais eram? Você se lembra?

R – Aí, não. Só lembro das atividades em si.

P1 – Entendi. Você acha que o PET ajudou na educação dos seus filhos?

R – Muito, muito. Ajudou muito a socializar, as conversas... a vivência com outras crianças da mesma faixa etária, de faixa etária diferente, presenciar também o modo de vida de outros coleguinhas, né, pra ver, sentir e ver que, tipo, como que é a vida do coleguinha dele, né, então isso foi muito bom pra eles, pro crescimento deles. E essa vivência em si, com pessoas de várias faixas etárias, classe social em si, em relação a educação, respeito. Então, muito bom.

P1 – E pelo esporte também, você acha que ajudou na condição física deles?

R – Sim. O esporte sempre ajuda, abre a mente, é um conhecimento, um aprendizado. É bom pro corpo e pra mente o esporte.

P1 – Eles sentem saudades do projeto?

R – Sentem, eles sentem muita saudade dessa época (risos), tanto que estão doídos pra esse reencontro aí que vai ter.

P1 – Vai ter um reencontro?

R – É vai ter um reencontro. Teve um aí, mas não veio muita gente e eles ficaram de marcar um outro encontro com os ex-petelecos, os ex-PET.

P1 – E você acha que eles estão pensando em colocar os filhos deles também aqui?

R – Eu percebo que fica difícil, trazer o filho pra cá só se você trabalha aqui, trabalha na USP em si e o filho tem que vir pra cá. Mas eles já tem um vida fora, eles não tão... até pensaria e gostaria que tivesse outros projetos, oportunidades como tiveram aqui, mas... acho que isso que dá saudade neles, eles tiveram uma oportunidade única na vida deles, onde não tem, aí fora não tem isso. Então você vê... até mesmo se você procura, tipo assim, a gente trabalha aqui na USP, então a gente tem uma renda maior, então a gente tem dificuldade lá fora, por mais que você queira ir lá. Eu passo por essa dificuldade, eu tenho uma... assim, são 25 anos de USP, então, quer dizer, eu tenho uma renda desses 25 anos que eu... ultrapassou o que está lá fora no mercado. Então eu não consigo nada pro meu filho. Eu consegui no Rio Branco, mas é pra classe econômica, ele fala... classificação socioeconômica, então eu não fico, então ele perde. E realmente, eu fui lá fazer a inscrição pra ele, pra ele entrar nos cursos e ser encaminhado pro Jovem Aprendiz, então você vê, realmente é classificação socioeconômica mesmo. Tem gente lá que não sabe escrever, não sabe preencher a ficha, a vizinha que foi porque a mãe não pode, a vó que foi levar o adolescente porque mãe não pode ir, o pai não pode ir, ou às vezes mora com a avó. Nesse momento em que eu fui levar ele eu senti isso, até fiquei chateada, porque eu gostaria que ele participasse do projeto e fosse encaminhado, mas assim, ele estaria tirando a oportunidade daquelas pessoas, então eu me contive porque eu percebi que realmente eles precisam. Então, nesse momento eu ajudei bastante o pessoal, preenchi ficha, aí a pessoa não sabe nem preencher uma ficha, ou colocar lá: “Você mora em quantos cômodos?” “Mora a família inteira num cômodo só.” Então aí você começa a perceber: “Não, realmente ele vai estar tirando a oportunidade de outro.” Então, assim, eles.. se você tem um salário maior você pode pagar um curso, só que os cursos que você paga não é o mesmo nível desses que encaminham, porque eles oferecem esses cursos pra classificação socioeconômica baixa e eles encaminham pro mercado, são cursos maravilhosos, são ótimos, né. Então o Rio Branco, aqui do 21 da Raposo, do 26 ali, e o Rio Branco aqui na Ermanno Marchetti, que foi onde eu consegui pra ele. Então ele passou em tudo mas não pode ficar por causa da faixa etária salarial minha. Então isso ele sofre porque... eu procuro também outras atividades e não pode por causa da faixa etária. E é onde ele seria encaminhado... só seria por esses projetos, não tem por onde. Tanto pela idade, que o mercado não pega, né, porque está naquela faixa etária de exército, 17 anos, tudo. Então, assim, são projetos bons mas que nem todos podem aproveitar. E quem pode aproveitar não dá valor, não vai lá, não participa, não está junto, não leva o filho. Dá até pra entender, porque a pessoa trabalha lá e se sair vai perder o emprego. Não dá pra perder o emprego, né, com a vida que estamos hoje.

P1 – E ele tem algum sonho, já tem alguma carreira na cabeça dele?

R – Ele quer professor de Educação Física, então ele quer fazer Educação Física. Eu torço que dê certo, porque até hoje ele não conseguiu sair do primeiro colegial, (risos) tá no ensino médio e já repetiu três vezes. Na realidade ele fica... eu já procurei tratamento porque, assim, acho que chocou a morte do irmão, então eles era próximos, né, os dois. As meninas já estavam casadas, fora de casa, então os dois estavam muito próximos. Então eu falo que a morte do irmão chocou ele. Eu converso com ele que ele não pode se apegar a isso, né, que a gente tem uma passagem na vida, que a gente está de passagem. Então, assim, a gente pai não quer que o filho vá embora antes da gente, mas tá lá, o destino dele era esse, então a vida dele era essa, ele tinha que viver aquilo. Tanto que ele era... o pessoal considerava ele hiperativo, então eu fiz exame nas Clínicas, sabe? Era chamada toda semana na escola, mas não era. Então, assim, eu ia na escola e brigava, falei: “Gente, como que um educador não segura uma criança? Você tem que dar atividade.” Então, assim, se a criança terminou uma atividade, o que você tem que fazer? Dar outra atividade, você tem que fazer ela se sentir... então você tem que pegar, tem que ter esse feeling. Então, assim: “Terminou? Então ele vai ser o ajudante do dia. Vai fazer isso, vai fazer aquilo, vai fazer aquilo.” Então, assim, você tem que encher ele de atividade e não simplesmente dizer assim: “Ah, ele é hiperativo, ele tem problema, ele é doente.” entendeu? Então, assim, eu passei tanta dificuldade com ele que a escola queria mandar ele pro Conselho Tutelar porque ele era muito além, ele era rápido, entendeu? Então, assim, a escola não aguentava ele. Aí eu fico pensando... até brigava na escola: “Como que um educador estuda e não tem essa percepção do avanço do adolescente ou da criança? Da necessidade, né?” Cada um tem uma necessidade. Então eu vim entender isso, que a passagem dele era rápida, tudo o que ele tinha pra viver era pra ontem, entendeu? Ele fazia tudo pra ontem, ele era muito rápido, tanto que... ele tinha o que? 16 anos, ele trabalhava, ele estudava, ele namorava, pensava em casar, comprar a casa dele, ter a família dele, entendeu? Ele tinha esse pensamento com 16 anos. Aí a vida foi interrompida. Então, assim, eu entendo o que? Que o que ele tinha pra viver era aquilo, era tudo pra ontem. E, assim, uma pessoa super... ele era educado, você ia pedir... na reunião: “Ele é educado.” sabe? Sorridente, feliz, alegre, mas era hiperativo, atrapalhava (risos). Então o meu entendimento da passagem dele foi esse. Então isso foi gratificante, me fortaleceu pra entender... esse entendimento que ele veio de uma passagem rápida, por ele ter...

P1 – Qual a diferença de idade entre os dois?

R – 4 anos. O Caíque era de 94 e o Vinícius é de 98. Então ele tinha 16, tava com 12 anos. E com sete ele perdeu o pai. Então ele começa a ficar juntando as coisas, então eu falo pra ele: “Olha, a vida é isso, a gente está no altos e baixos.” entendeu? Igual o coraçãozinho da gente, está em altos e baixos, igual a vida da gente. Então, assim, você tem que se fortalecer pra entender esses baques da vida, entendeu? Então você tem que ser forte, você tem que entender isso na vida. Você não pode pegar isso e decair, então: “Ah, meu pai morreu, eu vou... minha mãe morreu... meu irmão morreu.” Não dá, né, então cada um tem a sua vida e a sua passagem. Aí ele começa a simular assim: 2005 ele perdeu o pai, 2006 minha mãe, 2010 o irmão, sabe? Aí ele começa a pensar: “Quem vai ser agora?” Eu falo: “Não se apegue a isso. Você tem uma vida, você tem que viver, tem que correr atrás.” Eles tiveram a vida deles, viveram e passaram, é isso. Então isso me fez entender e compreender. Aí com ele agora... o Vinícius eu tô tentando, passou aqui, passou no psicólogo daqui, eu passei numa psicóloga também lá do... que eu faço tratamento espiritual, então ele passou lá também, pra ter esse acompanhamento, mas tá nessa, sabe? Ele quer ser professor de Educação Física, mas eu falei: “Você vai ter que estudar muito, correr atrás.” E é um curso integral, né, não é um curso que você vai trabalhar e estudar. É integral, então você tem que tá preparado também, né, dar o melhor de si.

P1 – E ele mora com você hoje?

R – Mora.

P1 – Só vocês dois?

R – Eu, ele e o meu esposo, meu atual esposo.

P1 – Ah, você se casou depois, então, de novo?

R – Casei.

P1 – Como é que foi? Como você conheceu ele?

R – Ah, ele trabalha aqui, a gente se conheceu aqui. Ele se separou também e a gente se conheceu aqui. Ele tem cinco filhos e eu tenho cinco filhos, ficou uma família enorme (risos), uma família de dez. Já são todos casados também, então a gente tá só... eu tenho esse de 17 comigo e ele tem um de 13 anos, que vive com a mãe, então vem uma vez ou outra passar o fim de semana com a gente.

P1 – Então são só vocês três em casa?

R – Só nós três em casa.

P1 – E quando é que foi o casamento?

R – 2008.

P1 – 2008?

R – 2008.

P1 – Como é que foi o casamento?

R – Ah, foi tranquilo. Na verdade a gente não casou, a gente foi morar junto.

P1 – Não teve uma cerimônia?

R – Não, não. Acho que casar é uma vez só, já está bom (risos). A gente conversamos, ele também acabou saindo de uma separação. Acho que separação é uma coisa bem traumática pro ser humano, as pessoas não entendem que ela vive... a gente quer pra sempre, né, mas que no decorrer da vida a gente entende que nada é para sempre, a gente tem que aprender a aceitar e a respeitar. E muitas pessoas não respeitam isso, né, então é tipo um prazo de validade, você não consegue mais, então acaba o respeito, né. Então, assim, você tem que buscar permanecer esse respeito com os anos de vida, com a vida que você teve, né. Você teve filhos, teve uma vida com aquela pessoa, você teve um amor, né, senão você não tinha vivido. Então, assim, em cima disso construir uma base e respeitar, dar liberdade, então, assim: “Não dá mais? Poxa, vamos respeitar isso, ser amigo e continuar.” Porque afinal você tem filhos, filhos é pra sempre, não é isso, filho, né. E o filho precisa do pai e da mãe, esteja onde estiver. Ai eu percebo que as pessoas não respeitam isso, não tem esse apoio, esse suporte. Então, assim, tem pessoas que tem na cabeça prejudicar, então: “Eu vou prejudicar a pessoa, vou ferrar.” no linguajar, né: “Vou acabar com a vida dele.” Mas não entende que você teve uma vida com aquela pessoa, né, você construiu algo junto, que chegou ao final, mas... poxa, eu vejo por esse lado, da pessoa, mas como diz meu marido: “Ninguém pensa como você, você tem que aprender a respeitar o pensamento do outro, né?” Mas é isso.

P1 – Você tem algo pra perguntar, Felipe? Não? Eu queria perguntar então pra você, Josi, o que que o PET significa pra você?

R – O que significa pra mim? Só me veio uma palavra: liberdade (risos), engraçado, né?

P1 – Ah, é?

R – É.

P1 – Por que você acha isso?

R – Pelo que eles vieram representar na vida dos meus filhos, então, assim, tipo libertou, né, mostrou um lado de crescimento pessoal, profissional, familiar. Então, assim, eu tenho os encontros de família no fim de semana em casa e eu vejo que eles valorizam muito isso, a família. Então, assim, tanto que fica lá: “Eu adoro, eu amo a minha família, não sei o que lá. Minha família é minha base.” sabe? Então eu acho isso muito legal de ter a família como a base em si, né. Tem gente que cresce e acha que está liberto o suficiente pra viver sua vida, que a família não existe mais. E a vida não é isso. Então, assim, eu sempre passei pra eles o que? Que é a base da pirâmide onde você caiu e ela está aqui pra te sustentar, entendeu? Então voa, corre atrás, mas tem aqui, onde voltar. Eu percebi que eles tiveram isso aqui no PET, a vivência em si, sabe? Os

educadores, todos em si, tiveram uma importância muito grande na vida deles. Então eu vejo o projeto em si como isso, uma construção pra liberdade. É isso, foi uma coisa muito gratificante pra mim, então, assim, minha vida é gratificante aqui, abençoados.

P1 – Qual é o seu sonho hoje?

R – Hoje? (risos) Poxa vida, eu acho que eu acabei realizando todos os meus sonhos, né. Criei os meus filhos, alguns formados, correram atrás de seus sonhos, já tem filhos, eu tenho cinco netos. Então agora eu acho que é finalizar o meu trabalho e viver um pouco a vida. O meu sonho é conseguir finalizar aqui e viver um pouco, viajar, conhecer um pouco o Brasil. Esse é meu sonho. Porque, assim, eu sou uma pessoa muito abençoada, graças a deus, né. Uma família abençoada, os meus filhos todos abençoados, agora estão aí, cada uma com a sua vida. Eu fiz uma faculdade, que é um sonho, né. Saí correndo atrás, então consegui. E futuramente, quem sabe, uma direção de uma escola (risos), né, quando aposentar não parar, contribuir pra sociedade com algum trabalho assim, eu penso em algo dessa forma, como contribuir pra sociedade.

P1 – Tá certo, então. Chegando no final já, eu queria te perguntar como é que foi contar a sua história pra gente?

R – Ah, foi maravilhoso, revivi tudo. Aí volta tudo, a época de criança, a época em que você vai na escola correndo buscar, sabe? Porque aqui é muito corrido, então você está trabalhando aí você sai correndo... até me vi indo até a Alberto Torres, pegando eles e voltando, aí corre na copa, almoça e aí escova o dente, corre, vai pro PET, rápido, rápido! (risos) Então eu revivi tudo isso. Às vezes eu chegava correndo e já tinha ido pra atividade e aí eu ficava: “Corre, você vai perder! Corre! Corre!” Então eu revivi todos esses momentos, até mesmo o acampamento, eu to vendo a Laís vindo pra acampamento, as fotos em si, sabe? Então foi muito gostoso revivi tudo. Obrigada, foi maravilhoso.

P1 – Tá certo. Obrigado você, viu? Foi ótimo.